

## **Comunicação como *declaração de verdade* e como *construção de ação*.**

**Caio Vassão**

Metadesigner, consultor de inovação, artista e facilitador.

Comunicar é a sobreposição do elucidar e do conectar.

[caio@caiovassao.com.br](mailto:caio@caiovassao.com.br)

Revisão 1 – 8 de julho de 2018

Me parece que a comunicação conta com duas faces suplementares: comunicação como declaração de verdade e como construção de ação. Podemos arriscar dizer que a verdade prototípica seria a alusão a um plano platônico ideal. E, por outro lado, que a ação seria a construção de um mundo, do mundo que vivemos, de mundos ideais, de mundos imaginários.

### **O que é a comunicação?**

Quando nos comunicamos, adultos, em geral pensamos estar “declarando uma verdade”. Mas, desde cedo, crianças, sabemos que estamos articulando intenções, para que os outros, o *comum*, possa nos ver, apreciar, perceber e integrar em suas próprias intenções. Destas intenções, é comum aquela que não quer se revelar por inteiro, pois sabe que pode ser rechaçada ou que, se revelada em sua inteireza, causaria graves perturbações, e então se apresenta como “mentira”. Nessa situação talvez pueril, está exposta uma dimensão da comunicação como a vontade de realizar algo, de construir ação, independentemente da declaração de verdade. Entre os extremos da “verdade” e da “mentira”, há uma ampla gama de expressões de intencionalidade. Nos expressamos porque queremos que algo aconteça no mundo, que sejamos capazes de construir algo. À medida que o uso da linguagem se sofisticava, se torna mais complexa, ascendemos a níveis mais elevados de abstração, em que a comunicação assume um nível que podemos chamar de “legislativo”: queremos definir o que é, e o que não é, verdadeiro. Na maioria das vezes, é aqui que se constrói as noções mais formais quanto ao que venha ser a comunicação. E, quão enganosa pode ser essa noção “legislativa” da comunicação. Como o dito popular: “você quer estar certo ou ser feliz?” O tom jocoso já indica: as infinitas contradições do mundo nos convidam a escolher entre legislar, em vão, sobre verdades que podemos crer absolutas ou construir vida concreta – ambas ações se dão por meio da comunicação.

Obviamente, o entendimento da comunicação estritamente formal é importante, mas mesmo ele pode ser tomado em ambas facetas: como declaração de verdade (*descritiva*) e como construção de ação (*gerativa*). Nosso foco de atenção é a fala informal, a conversação, as anotações rápidas, os lembretes, o estar presente em uma reunião de um grupo, os movimentos do corpo e as múltiplas sobreposições entre essas e tantas outras modalidades de comunicação e seus usos nas práticas sociais, na psicologia, na análise, nos grupos e suas atividades, nas conversas de *coaching* – em todos esses campos, a comunicação é um “estar presente”, um “pôr-em-jogo”, que não pode ser resumido pela linguagem e/ou pelas análises formais.

### **O que é a verdade?**

Se a comunicação pode ser a “declaração de uma verdade”, é bom ponderar sobre o que entendemos como sendo “verdade”. Segundo a filosofia, não há nada de auto-evidente na verdade. Proponho que ela pode ser entendida segundo, *pelo menos*, quatro vieses diferentes que tendem a sobrepor-se:

**(a) Desvelamento de uma ordem transcendental**, que envolve, na maior parte das vezes a crença que existam “verdades eternas”, “universais” ou uma “ordem divina” para as coisas do mundo.

**(b) Evidenciação de uma coerência interna ao argumento**, expor o “como algo funciona”, “tem lógica”, “tem encadeamento”. Trata-se da auto-coerência de uma fala, o prosaico “fazer sentido”.

**(c) Reprodutibilidade**, ser capaz de “fazer de novo”, relacionada à técnica e à tecnologia. Trata-se da verdade enquanto domínio reprodutivo de um fato: “sei que isso é verdade porque consigo fazer e refazer essa coisa quantas vezes quiser”.

**(d) Expressão de uma experiência singular, mesmo que universalizável**, relacionada à estética, ao que podemos chamar de “verdades internas”, sensações diretas e direcionadas, descritivas e evidenciadoras.

É importante vermos a “verdade” como uma construção, e sua validade ou aceitação depende do contexto do seu entendimento. Segundo essa análise, está implícito que a própria intencionalidade pode ser ponderada fora do campo linguístico: mesmo que ela possa ser elaborada rebatendo-se na linguagem, a intencionalidade deve, para poder oscilar em sua natureza “verdativa” ou “construtiva”, ser desenvolvida sem depender da linguagem como fundamento.

### **O que é a construção?**

Podemos recorrer a muitas maneiras de entender-se a palavra “construção”: desde **(A)** a articulação de uma estrutura (de um edifício, ou de uma frase, ou de uma comunidade, por exemplo), ainda **(B)** a conexão de entidades (vivas ou não) entre si, o **(C)** desenvolvimento de um entendimento singular das coisas e do mundo (a “construção do conhecimento na aprendizagem”, como diria Piaget), ou ainda o **(D)** engendramento intencional de um processo que se desenrola no tempo, sem fim previsto e de modo emergente – como em um ecossistema vivo.

De um modo muito amplo e consequente, podemos dizer que a “construção” – no sentido que nos interessa aqui – é composição da intenção em entidades de um modo “diagramático”. O “diagrama” é nossa intencionalidade disposta no mundo, em posições que nosso corpo assume frente e em conjunto a outros corpos, é a organização espacial da cidade, é o conjunto de entidades que compõem a dimensão concreta do mundo, ou, ainda, uma imagem ou objeto gráfico que apresenta a disposição de entidades e suas relações entre si. De Piaget a Deleuze, pensadores levantaram a importância da topologia, ou seja, a organização diagramática do espaço, para a construção do mundo.

Assim, em comunicação, a construção de ação seria a função *diagramática* da comunicação: construímos relações por meio da linguagem, de nossa exposição intencional, de nos fazer presentes no *campo comum* de articulação da sociedade.

### **Comunicação, construção, verdade e articulação de vida.**

É importante notar que tanto a face “verdativa” da comunicação, como sua face “construtiva” não são coisas, em si, boas ou ruins. Pelo contrário: o termo “diagrama” aparece na obra de Deleuze ao descrever o procedimento do *Panóptico*, reconhecido por Foucault como a *diagramatização* nos códigos e dispositivos comunicacionais usados pelo Estado, instituições e empresas nos procedimentos de vigilância, para inculcar a disciplina na mentalidade do proletariado industrial. Por outro lado, o uso *verdativo* da comunicação pode ser a garantia da presença mais integral de alguém em algum grupo ou comunidade: por meio da afirmação de si e sua intencionalidade dita “sincera” – por meio de auto-descrições e declarações de

“verdades estéticas” (ou seja, reveladas a si mesmo) alguém pode estabelecer sua presença de modo coerente e consequente em meio às outras pessoas.

No entanto, é importante frisar que a dimensão “verdativa” da comunicação é um aspecto menor, sujeito à sua dimensão “construtiva”: a própria comunicação como legislação de verdades é uma forma de conexão e estabelecimento de laços *afetivos*, sendo a racionalidade uma das artimanhas mais efetivas de manipulação do outro.

### **Construção concreta da comunicação, ou quando construímos e quando afirmamos verdades.**

Aqui, algumas variantes da declaração de verdade. Tais como: **(i) ontologização** – “como as coisas *são*”; **(ii) palavra de ordem** – o imperativo, a voz de comando, “como as coisas *devem* ser”; **(iii) desabafo** – “me sinto assim”; “para mim, as coisas *são* desta maneira”; **(iv) projeção**, verdade relativa, enviesada pela posição singular de cada indivíduo – “do meu ponto de vista, levando em consideração as minhas limitações, me parece que as coisas *são* dessa maneira”. Em sua *melhor* versão, a comunicação verdativa é a atitude contemplativa observacional e reverencial perante um mundo complexo e sabidamente indizível.

E algumas das variantes da construção de ação: **(i) “assuntar”** – “ouvi dizer que...” convidar o outro à declaração de verdade, estabelecendo laços de confiança; **(ii) D.R. (discutir a relação)**, meta-discussão – “vamos caracterizar a situação que estamos vivendo?”; **(iii) palavra de ordem disfarçada, sedução** – convite à ação, pautado pela diretividade indireta. Em sua *pior* versão, a comunicação construtiva é a manipulação interessada do outro.

Ou seja, mesmo que a dimensão verdativa esteja sujeita à dimensão construtiva, ela pode ser o repositório ou o baluarte de uma ação honesta e benéfica na cultura, na sociedade e nas relações; e mesmo a dimensão construtiva sendo a dimensão mais fundamental e, portanto, dominante, ela pode operar de modo desarticulado, expresso nas ações de um ente que se vê isolado, sobrevivendo por meio da manipulação do outro.

Tanto no cotidiano como nas organizações, nas relações formalizadas pelo contrato como nas informais, as duas faces se compõem, gerando miríades de variações mistas: colaboração, provocação, aproximação, ação e condução; taxonomias, classificações, sequenciamentos, projetos, propostas, denúncias, descrições, “como as coisas funcionam”, técnica e tecnologia. Ideologia e iconoclastia.

### **Construção concreta da comunicação**

Talvez, o interessante dessa análise a respeito das duas faces da comunicação esteja em um entendimento que seja pautado não pela declaração de verdade, mas pela colocação de entidades em circulação. Algo está no entre a declaração de verdade e da construção de ação. É a comunicação como procura do entendimento. Se o mundo é, do ponto de vista estético, portanto mais profundo, uma entidade indizível, não podemos o descrever. Podemos apenas aludir a sensações e ações a respeito desse mundo, sendo que já estamos, de nascença, necessariamente em ação no mundo. Neste sentido, seria na oscilação entre as duas faces que estaria uma *diagramática da linguagem*; seria no trânsito entre a *verdade* e a *ação* que se encontraria o movimento saudável da comunicação e também da linguagem.

E, para concluir, se essa noção construtiva da comunicação, que tem na verdade absoluta uma dúvida, e não uma certeza, te parece algo como desonesta e mentirosa, é bom lembrar que a própria linguagem é mentirosa, mesmo que seus

falantes não sejam mentirosos inteiramente conscientes. Pois a própria representação é jogo de prestidigitação: criar a sensação da presença do ausente.

Se Nietzsche precisou dizer, por meio de Zarathustra, que “Deus está morto – mas temo que ainda acreditamos nele pois ainda cremos na gramática”, talvez seja possível, na oscilação entre verdade e ação, operar a linguagem para além de uma postura crente em sua onisciência e onipotência.